

## O GAMBÁ E AS TROCAS RITUAIS NA FESTA DE SÃO BENEDIT EM ALMEIRIM/PA, BRASIL

Vanessa FIGUEIREDO  
Luciana Gonçalves de CARVALHO

### RESUMO

Este é um registro etnográfico da festividade de São Benedito em Almeirim, Pará. Partindo do histórico da celebração, reconstituído com base na memória de membros da Irmandade de São Benedito e da família Castro, responsável por sua introdução no município, o artigo foca a execução do gambá como sua expressão mais característica. Por meio da participação, observação e documentação de diversas etapas rituais da festa de 2017, constatou-se que o gambá executado para o santo faz interagir uma ampla cadeia de pessoas em um circuito de dons e contradons variados, dos quais foram destacados: a comida, o canto e a dança. Assim, as trocas rituais desses três elementos (re)afirmam os laços entre os humanos, e entre eles e São Benedito, ao mesmo tempo que potencializam relações de parentesco, afinidade e amizade que marcam a trajetória histórica da festa e do gambá em Almeirim.

**Palavras-chave:** Festas de santo; São Benedito; Gambá; Almeirim (Pará, Brasil).

### THE GAMBÁ AND THE RITUAL EXCHANGES OF THE FEAST OF SAINT BENEDICT IN ALMEIRIM/PA, BRAZIL

### ABSTRACT

This is an ethnographic record of the feast of St. Benedict in Almeirim, Pará, Brazil. Based on the memories of members of the Brotherhood of St. Benedict and the Castro family, responsible for its introduction into the municipality, the article focuses on the execution of the gambá as its most characteristic expression. Through the participation, observation and documentation of several ritual stages of the 2017 party, it was observed that the gambá made for the saint makes interact a wide chain of people in a circuit of varied gifts, including: food, singing and dancing. Thus, the ritual exchanges of these three elements (re)affirm the bonds between humans, and between them and Saint Benedict, while enhance relations of kinship, affinity and friendship that mark the historical trajectory of the feast and the gambá in Almeirim.

**Keywords:** Holyfeasts; Saint Benedict; Gambá; Almeirim (Pará, Brazil).

### EL GAMBÁ Y LOS INTERCAMBIOS RITUAIS EN LA FESTIVIDAD DE SAN BENITO EN ALMEIRIM/PA, BRASIL

### RESUMEN

Este es un registro etnográfico de la festividad de San Benito en Almeirim, Pará, Brasil. Partiendo del histórico de la celebración, reconstituído con base en la memoria de miembros de la Hermandad de San Benito y de la familia Castro, responsable de su introducción en el municipio, el artículo se centra en la ejecución del gambá como su expresión más característica. Por medio de la participación, observación y documentación de diversas etapas rituales de la fiesta de 2017, se constató que el gambá ejecutado para el santo hace interactuar una amplia cadena de personas en un circuito de regalos variados, de los cuales fueron destacados: la comida, el canto y la danza. Así, los intercambios rituales de estos tres elementos (re)afirman los lazos entre los humanos, y entre ellos y San Benito, a la vez que potencian relaciones de parentesco, afinidad y amistad que marcan la trayectoria histórica de la fiesta y del gambá en Almeirim.

**Palabras clave:** Fiestas de santo; San Benito; Gambá; Almeirim (Pará, Brasil).



## INTRODUÇÃO

Em junho de 2017 ocorreu o primeiro contato com a festividade que deu origem a este artigo, a partir da gravação do filme *Os Castros vêm tocar: fé e festa para São Benedito em Almeirim*. O documentário, de caráter etnográfico, narra diferentes aspectos da festa de São Benedito, com destaque para: o papel da família Castro, que há gerações tem sido essencial em sua (re)produção; os ritos festivos que se sucedem em onze dias de celebração; e a principal particularidade da festa, que é a expressão cultural regionalmente conhecida como gambá.

Em breves linhas, na região do Baixo Amazonas denomina-se gambá um conjunto de expressões musicais constituídas em torno de tradições supostamente afroameríndias, que se baseiam no toque ritualístico de três tambores feitos de tronco de madeira e pele de animal. Não há consenso em torno do nome gambá, mas Ávila (2016, p. 153) atribui origem indígena ao termo, já que, em tupi, gambá significa “peito oco”, da mesma forma que ocos são os tambores utilizados nessa forma de expressão. Considerando-se variações locais, o toque dos tambores pode ser acompanhado por outros instrumentos de percussão como ocorre em Almeirim, por exemplo. É comum a entoação simultânea de folias laudatórias aos santos, bem como a execução de músicas para dançar, embora as coreografias possam variar.

Há referências ao gambá nos municípios de Maués, no Amazonas, e em Gurupá, Porto de Moz e Aveiro, além de Almeirim, no Pará. Em Maués, Ávila (2016) informa tratar-se de uma expressão musical produzida por foliões devotos da Comitiva de São Pedro. O grupo, segundo o autor, navega por comunidades do Baixo Amazonas durante dois meses, nos quais o toque do gambá é executado como parte de um complexo ritual de trocas materiais e simbólicas que culminam na festa do santo (ÁVILA, 2016). Em Aveiro, o gambá acontece na festividade de São Benedito, na comunidade indígena Pinhel, situada na margem do rio Tapajós. Sobre a festa e o próprio gambá de Pinhel, realizados nos três últimos dias de junho, estão disponíveis três vídeos etnográficos de Clodoaldo Corrêa (2013), Carlos Bandeira Junior (2017) e Pedrinho Callado (2017), além de escritos de Vaz Filho (2010, 2018).

Os contextos, as formas e os sentidos da realização do gambá são, como se nota, pouco explorados na literatura socioantropológica dedicada às festas de santo na Amazônia. Quanto à festividade de Almeirim, especificamente, encontram-se um artigo e um trabalho de conclusão de curso, respectivamente intitulados *A festa de São Benedito* (SANTOS, 2010) e *Festividade de São Benedito em Almeirim-PA, 1955-1975* (COSTA, 2006).

Reconhecendo a carência de estudos a seu respeito, bem como o valor cultural da celebração em tela e a riqueza discursiva e estética de suas expressões musicais, este artigo resulta da pesquisa exploratória realizada entre 20 e 30 de junho de 2017, em Almeirim. Fruto do primeiro contato com a festa, baseia-se na etnografia como modo de produção de conhecimento sobre a vida social.

Ao longo de onze dias e noites, a pesquisa envolveu a observação direta e a documentação em suporte audiovisual de todos os ritos festivos: alvorada, procissões, levantamento do mastro, visitas, meia-lua, derrubamento do mastro e encerramento da festa. No mesmo período, mas fora da celebração propriamente dita, foram feitas 40 entrevistas com os participantes da festa, em especial com aqueles diretamente envolvidos na execução do gambá e com os membros da família Castro.

As entrevistas, não estruturadas, versaram sobre a história da festividade e as funções de cada personagem, entre outros aspectos. Nos meses subsequentes, elas foram transcritas, e os dados então extraídos complementaram aqueles depreendidos da observação. Em fevereiro de 2019, um breve retorno a Almeirim propiciou a realização de entrevistas estruturadas que tiveram o intuito de suprir lacunas deixadas pela primeira

incursão em campo.

É com base nesses dados, relativos à história e à dinâmica da realização da festividade — conferida por seus personagens, de acordo com as tradições peculiares do ritual festivo — que este artigo se constrói. Sem pretender expor empreendimentos analíticos ainda incipientes — afinal, ritual e performance são noções muito caras à antropologia, e o contexto estudado incita à mobilização dessas noções —, propõe-se por ora uma descrição da festa de São Benedito de Almeirim. Dada a escassez de registros sobre ela, é um passo inicial para reflexões que futuramente serão aprofundadas.

O artigo está dividido em duas partes. A primeira, com base na história oral, reconstitui a trajetória da festividade até onde possível, reconhecendo à família Castro um papel fundamental na sua introdução e difusão em Almeirim. Identifica, ainda, a centralidade da Irmandade de São Benedito na realização e atualização da celebração até os dias de hoje, considerando os papéis específicos desempenhados por cada folião que a integra.

O segundo item do artigo trata da circulação do gambá na rede de trocas de dons que envolve devotos, foliões e São Benedito. Focando, especificamente, na execução de almoços e jantares ofertados pelos primeiros ao santo, personificado em sua irmandade, demonstra como a música e a dança do gambá entram no circuito de trocas devocionais que medeiam essas refeições rituais.

## OS CASTROS E A IRMANDADE DE SÃO BENEDITO

As festas de santo são celebrações populares tradicionais, ainda hoje usuais na Amazônia. Em geral, elas atualizam um modelo festivo que valoriza, além dos ritos de natureza religiosa propriamente ditos, dimensões lúdicas do ato de celebrar em práticas de comensalidade, na entoação de ladainhas, em cortejos animados por folias (músicas em louvor aos santos, cantadas ao som do toque de caixas e outros instrumentos de percussão), em jogos e disputas festivas (NOGUEIRA, 2008; BRAGA, 2007).

Além disso, revelam um padrão de organização semelhante que conta com a constante presença de um barracão ou ramada — motivo pelo qual são também chamadas festas de ramada, do(s) mastro(s) e todos os ritos que o(s) envolvem busca, levantamento, derrubada, e de personagens como juízes, mordomos, procuradores, donos ou cuidadores do santo, entre outros elementos.

As festas de santo instauram ambientes regidos por ações ritualizadas que propiciam e/ou assinalam encontros entre os humanos, e entre eles e divindades. Constituem ocasiões privilegiadas para a formação e a renovação de vínculos de solidariedade, fé e sociabilidade que afirmam a sacralidade da festa na vitalidade dos laços humanos, desfazendo a vulgar dicotomia sagrado-profano. São, por assim dizer, esferas vitais da vida social, potencializando trocas de dons e contradons (MAUSS, 1995).

Em Almeirim, a festa de São Benedito segue, em linhas gerais, o padrão exposto (SANTOS, 2010). Mas, além de uma prática festiva dos devotos do santo no município, ela consiste em uma tradição familiar que remonta a, aproximadamente, 130 anos (COSTA, 2006). A imprecisão quanto à data de início da festa na localidade se deve à carência de registros históricos e documentais de sua ocorrência, obrigando o recurso à memória coletiva para reconstruir sua trajetória.

Como a memória coletiva é acessada por intermédio de memórias individuais, limitadas no que tange à profundidade temporal, recorre-se a uma diversidade de fontes — motivo pelo qual a técnica da entrevista foi largamente utilizada — para reconstituir a malha do passado, visto a partir do presente. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual remete necessariamente a experiências em sociedade e à memória coletiva, mas não se confunde com ela, porquanto depende de uma consciência individual cujas lembranças se

projetam em quadros sociais, comunicando-se com as memórias coletivas. De acordo com o autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Com essa ressalva, admite-se que a principal fonte de informações sobre a festa de São Benedito em Almeirim é a família Castro, a cujo patriarca, natural de Gurupá, se atribui a introdução do gambá em Almeirim. Atualmente, a geração da família que comanda a festa é formada pelas irmãs Orcina Castro, Elvira Castro, Jovelina Castro e Maria José Castro. De doze irmãos, entre homens e mulheres, apenas elas permanecem vivas.

Segundo elas, foi um tio-avô que levou a festa do gambá para a região: João Felipe Gomes. Ele era proveniente de Gurupá, onde a festividade já era realizada, e passou a promovê-la em Arumanduba, no município de Almeirim, depois que começou a trabalhar para o coronel José Júlio de Andrade, considerado o maior latifundiário da região na primeira metade do século XX. Com a morte de João Gomes, a festa passou a ser comandada por seu sobrinho, Eugênio Felipe Gomes, e, depois, por seu filho, Pedro Brazão (FESTIVIDADE, 2018). Só em 1957, a festividade tornou-se responsabilidade direta da família Castro, na pessoa de Raimundo Castro da Fonseca (COSTA, 2006).

Em 1959, após um longo período sem assistência pastoral permanente, Almeirim recebeu e instalou Frei Constâncio. Não tardou para que ele, por associar o toque dos tambores à macumba, decretasse a interrupção dos festejos do gambá para São Benedito, que se estendeu por aproximadamente cinco anos na década de 1960 (COSTA, 2006). Os toques do gambá foram, então, transferidos para a casa da família Castro, localizada na boca do rio Paru, na margem esquerda.

*Mais ou menos nessa época, de 1960 - 1962, [...] era o padre Frei Constâncio que tinha aqui. Parece que ele não teve um bom entendimento, ele não conhecia. Não sei como foi que aconteceu, sei que se desentenderam. Parece que ele não aceitou, chamou que isso era profano. Aí quando teve esse desacerto, parou tudo. Ele não aceitou, disse que não queria aquele profanismo. Eu sei que como tinham medo das palavras do padre, eles pararam. Mas aí ficaram meio revoltados. Uma pessoa davam uma ideia e outras davam outras, e diziam “porque eles não levam o santo para lá?”. Aí esse meu padrinho era muito amigo dele, eles eram primos, e falou pra ele... ele disse “Mano, Raimundo, tu quer? Eu vou trazer um São Benedito pra ti, pra fazer a festa lá na tua casa. Eu vou trazer um São Benedito de Belém. Vamos fazer essa festa lá”. Aí todo mundo deu apoio e tal. E aí ele pegou e trouxe o santo mesmo de lá. (Euclides Castro da Fonseca (Quidó), mantenedor do grupo dos foliões)*

No final da década de 1990, por ocasião da morte de Raimundo Castro, os familiares, de luto, interromperam mais uma vez o ciclo anual da celebração. O falecimento de Raimundo Castro representou uma perda sensível para o conjunto que executava o gambá em homenagem a São Benedito. Detentor dos conhecimentos musicais e ritualísticos dessa forma de expressão, ele liderava o conjunto e mantinha sua afinação. Como poucos descendentes, sobretudo do sexo masculino, tinham se engajado no grupo, foi necessário incluir novos membros que não faziam parte da família. Foi nesse momento que jovens integrantes de um grupo musical local, chamado Asa Branca, passaram a integrar o gambá da família Castro.

*Isso faz cerca de vinte e três anos, vinte e poucos anos atrás... nós montamos na escola um grupo chamado Asa Branca, que tocava o gambá. A gente estudava junto com o filho do seu Nonato Castro e montamos o grupo pra tocar na festa da escola. Naquele momento de fazer o xote, quadrilha, carimbó, [...] a gente perguntou “por que não, ao invés da gente tocar carimbó, xote... bora dançar o gambá, bora montar um grupo de gambá”. A gente iria só gravar pra dan-*

*çar, mas aí o seu Nonato se disponibilizou a nos ensinar e cedeu os tambores, os tambores que são usados hoje, porque a dificuldade é que nós não tínhamos os instrumentos. Então ele cedeu, [...], nos ensinou. E então a gente começou a tocar também. (Wardson Mendes, procurador do grupo dos foliões)*

Nesse período, a festa passou a ser realizada em definitivo na sede municipal de Almeirim, onde as novas gerações da família residem. Atualmente, o grupo que promove o gambá tem cerca de quarenta integrantes, entre dançarinos, dançarinas e foliões (exclusivamente do sexo masculino), aos quais é reservado o manuseio dos instrumentos musicais e dos objetos ritualísticos, assim como a responsabilidade de dar o suporte necessário à realização de todos os ritos da festividade. Esses foliões constituem a Irmandade de São Benedito, como uma função de fé e devoção alicerçada na noção de milagre, de modo semelhante ao que constatou Dedival Silva (1997) em relação às devoções beneditinas em Bragança.

Segundo esse autor, no caso bragantino, os atributos da irmandade são mediados pelos sentidos da noção de milagre, que está na base do processo de formação de identidade dos irmãos, que fazem pedidos e promessas para São Benedito, recebendo a sua graça: “[...] logo, trata-se de um santo milagroso, que ‘traz o milagre na mão’, que entende o sofrimento dos fiéis [...]. Assim, o que permite o devoto se intitular como ‘irmão de São Benedito’ é o sentido de identificação que ele assume com o santo” (SILVA, 1997, p. 266-267).

Em Almeirim, a Irmandade de São Benedito, além de manter a tradição do gambá, atua como uma espécie de guarda do santo, acompanhando e protegendo sua imagem em procissões e visitas, ou até mesmo representando-a em eventos aos quais ela não é carregada, a exemplos dos almoços e jantares rituais. A irmandade tem uma hierarquia particular, com encargos específicos, por vezes, relacionados a determinados instrumentos, como se pode observar nas atribuições dos irmãos, doravante apresentados.

**Mantenedor:** é aquele que coordena os foliões, sendo responsável pela harmonia do grupo na execução das atividades rituais e ritual-musicais. Hierarquicamente, está acima dos mestres-salas. É ele também que aplica sanções aos foliões quando eles cometem erros passíveis de punição. O mantenedor, diferenciando-se dos demais, usa sobre os ombros uma estola colorida. Em 2017, o cargo era de Euclides Castro da Fonseca (Quidó), afilhado de Raimundo Castro e por ele criado como filho.

**Mestre-sala:** na hierarquia ritual, o mestre-sala está logo abaixo do mantenedor, e uma de suas funções é a de introduzir os cantos rituais que são acompanhados pelo toque dos tambores e estão entre os principais elementos da festa. Em 2017, essa posição era dividida entre duas pessoas: Alvim França do Amaral e José Barroso Damasceno. Os mestres-salas, nas execuções do gambá, tocam um raspador ou reco-reco, também chamado reque-reque. Esses instrumentos são confeccionados em taboca e possuem pequenas incisões regulares, nas quais se fricciona uma espécie de faca, também de madeira, para a produção do som de raspar.

**Alferes:** o primeiro alferes, Wilson Davi de Azevedo, e o segundo alferes, Raimundo de Assis Fonseca, carregam as duas bandeiras que guiam a Irmandade de São Benedito durante as procissões, caminhadas e visitas às casas de devotos. As bandeiras são confeccionadas com hastes de madeira e tecido, no qual é pintada a imagem do santo.

**Labardeiros:** em número de dois, esses personagens são também referidos como sargentos de São Benedito e carregam uma labarda, objeto semelhante a uma lança, com cabo de madeira e ponteira de bronze. As duas labardas são usadas, assim como as bandeiras, em quase todos os momentos rituais para a proteção da imagem do santo do qual formam a guarda. Em



2017, Benedito de Souza e Samuel Silva eram os albardeiros do grupo.

Batuqueiros: é em torno deles que a música e a dança do gambá se desenrolam. Cada batuqueiro toca um dos três tambores herdados dos antigos Castros que comandaram a Irmandade do São Benedito: baixo, que é o tambor maior; resposta, o tambor médio; e “tamborine”, o menor dos três. Objetos sagrados para o grupo, os tambores são feitos de madeira e pele de animal, e ficam guardados na casa das irmãs Castro. Quando os batuqueiros os tocam, não podem desviar a atenção, nem mesmo beber água. Em 2017, os batuqueiros eram, respectivamente: Ernestor Ramos da Fonseca, Anízio da Fonseca Barbosa, e Pedro Brazão de Abreu.

Semeadores: compõem o conjunto musical, tocando um instrumento homônimo, que também é conhecido como xeque-xeque e milheiro. Feitos de taboca, assim como os raspadores, diferem desses por serem ocos e preenchidos, no interior, com sementes de milho e/ou pedrinhas que se chocam quando os instrumentos são chacoalhados. Os semeadores, em 2017, eram: Yago Ryan da Fonseca, Benedito Cosmo Queiroz e Manuel Damião Queiroz.



Foto 1  
Batuqueiros, semeadores e mestres-salas tocando o gambá durante visita à comunidade do Jaburu. Foto: Vanessa Figueiredo. Acervo Sacaca/Ufopa

Além desses, contribuem no conjunto os foliões de apoio que fazem o coro das músicas e auxiliam na realização de todas as etapas da festa.

Por fim, não ocupando posições ritualísticas, mas que são fundamentais para o bom andamento da festividade de São Benedito em Almeirim, há o conselheiro, o coordenador e o procurador. Tratam-se de cargos de caráter mais administrativo, correspondentes a funções diferentes, mas que, em geral, confundem-se a ponto de os três dividirem as tarefas entre si e serem todos reconhecidos como parte da Coordenação da Festa. Em 2017, os ocupantes desses cargos foram, respectivamente: Carlos Roberto (Robertão) Monteiro, falecido em dezembro do mesmo ano; Luiz (Luizão) Alberto Alves; e Wardson Mendes Pereira. Trabalhando em conjunto, os três foram responsáveis pela organização e logística da festividade.

Embora indivíduos que não pertençam ao grupo possam fruir o gambá, seja cantando seja dançando, ou simplesmente acompanhando, é aos foliões, nos almoços e jantares da festa, que cabe a prerrogativa de iniciar, conduzir e finalizar o ritual de canto e dança para São Benedito. Por intermédio de sua irmandade, cujo ponto de encontro é a casa das irmãs Castro, a família, embora

diminuta, ainda mantém certo controle sobre a programação festiva que, atualmente, é dividida com a Paróquia — esta última responsável pelos ritos litúrgicos, incluindo celebração de missas, e pela organização do arraial, com barracas de comidas e bebidas.

## O GAMBÁ NO CIRCUITO DE DONS DA FESTA

Os toques e danças do gambá são executados, principalmente, nos almoços e jantares promovidos por moradores de Almeirim, na maioria das vezes como pagamento de promessas feitas ao santo, durante os onze dias de festividade, conforme agendamento prévio junto à irmandade.

Embora o compartilhamento de refeições seja frequente em inúmeras celebrações, essa prática adquire um significado especial na festa de São Benedito. Creem os devotos que o santo era um escravo que cumpria função de cozinheiro e sempre distribuía comida para outros escravos na senzala, às escondidas. Um dia, o capataz, já desconfiado e pronto para puni-lo, viu que ele carregava uma cesta e perguntou-lhe o que havia dentro dela. São Benedito, que levava pães para doar, rezou a Deus e respondeu-lhe que eram flores. Quando o capataz olhou dentro da cesta, só viu flores. Essa versão se relaciona com outra, contada na igreja, segundo a qual o santo era cozinheiro no Convento dos Capuchinhos, na Itália, e sempre distribuía comida aos pobres. Por esse motivo, São Benedito é venerado como protetor dos cozinheiros e, em várias partes do Brasil, dos negros.

Na festa de Almeirim, mesas fartas e um tanto diversificadas são ofertadas a São Benedito por intermédio de seus foliões. Há pratos do dia a dia, à base de feijão, arroz, macarrão, farinha e carnes de boi, frango e porco; e outros considerados típicos, como vatapá, galinha caipira e pato no tucupi; acompanhados, por vezes, de ingredientes consumidos com menos frequência, como cremes, doces e frutas exógenas.

Para quem as oferta, as refeições são grandes eventos para os quais se preparam com antecedência, já que demandam investimento financeiro<sup>1</sup>, tempo e mão de obra. Não só a comida oferecida tem de ser a melhor — a melhor carne, as melhores marcas de alimentos não perecíveis, os alimentos mais frescos — mas também deve sobrar após o consumo de todos os foliões e convidados, podendo ser distribuía após o término do evento. Qualidade e fartura são premissas a serem respeitadas, mesmo que as condições financeiras não sejam das melhores: “Se é para São Benedito, a gente faz!” Os preparativos na cozinha começam dois ou três dias antes do evento, e constituem um trabalho em família, normalmente sob responsabilidade das mulheres. Se um homem oferta a refeição, sua esposa reúne outras mulheres da família e, com seu auxílio, cuida de toda a preparação dos alimentos. Sendo ela própria a anfitriã, da mesma forma aciona outras mulheres da família para ajudar.

Em geral, os comensais são os foliões, a família Castro, parentes e amigos dos anfitriões; ou seja, as refeições são momentos festivos relativamente restritos, controlados mediante convites individualizados, exceto no caso dos Castros e da Irmandade de São Benedito, que são aguardados independentemente de convite. Os primeiros a se servir são os membros da irmandade, em ordem dada pela hierarquia vigente entre os foliões, descrita no tópico anterior. Quando terminam de comer, e em retribuição pela comida ofertada, tocam e cantam o Agradecimento da Mesa, assim descrito em caderno de campo:

*Assim que o último deles levantou, os foliões buscaram suas opas, as roupas específicas que usavam nos momentos rituais, e vestiram-nas, pegando também seus instrumentos, tambores (pequeno e médio), milheiros, raspadores, bandeiras e labardas. Dispuseram-se ao redor da mesa, virando-se para nós o máximo que podiam. E come-*

<sup>1</sup> Entrevistas revelaram que o custo de uma refeição, em 2017, chegava até dois mil reais.

*çaram. Agradecimento da mesa é o nome do canto que passaram a entoar: os mestres-salas cantando e o restante do grupo respondendo a eles. Esta é uma música demorada, com batidas ritmadas, fortes e profundas dos tambores, sendo seguidas pelos outros instrumentos [...]. Sempre que chegavam no refrão, os alferes e sargentos, um em cada extremidade da mesa, agitavam suavemente suas bandeiras e labardas. Quando, por fim, a música terminou, os foliões retiraram suas opas e guardaram os instrumentos, marcando o fim da primeira mesa e dando início à segunda.*



Foto 2

“Agradecimento da mesa”, rito dos foliões em retribuição pela refeição ofertada por João Cândia no último dia da festa. Foto: Vanessa Figueiredo. Acervo Sacaca/Ufopa

Só então os demais convivas se servem da refeição. Quando todos estão fartos, os foliões ensejam uma despedida: “Bom, já vamos embora. Ninguém nos pediu para cantar”. Nesse momento, cabe ao anfitrião pedir que toquem o gambá, em alto e bom som para que todos escutem seu pedido. Muito embora esteja subentendido que o gambá será apresentado, a enunciação do pedido faz parte do rito e, por assim dizer, da performance do próprio grupo. Pegando novamente os instrumentos musicais, inclusive o tambor maior, que não é usado no Agradecimento da Mesa, os foliões iniciam os toques e cânticos, movimentando, primeiro, dançarinos e dançarinas do grupo, e em seguida, outros comensais, como consta em anotações de campo:

*Três deles colocaram os tambores no chão, lado a lado, sobre uma ripa de madeira usada como suporte e sentaram-se em cima deles, enquanto os outros se dispuseram atrás e ao lado destes. Iniciaram-se as batidas dos tambores, com os milheiros e raspadores os acompanhando, junto das vozes dos homens. Passaram por ritmos marcados que lembravam o carimbó, com fortes pisadas num único pé [...]. Poucas pessoas começaram a dançar no início. Outras permaneceram ao redor, como se quisessem, mas estivessem tímidas demais para dançar, embora isso não as tenha segurado por muito tempo.*

A musicalidade característica do gambá se compõe do som dos instrumentos percussivos e do canto dos foliões. As letras das músicas cantadas são função da transmissão da memória dos Castros, conforme ocorre entre os mestres gambazeiros em Maués (ÁVILA, 2016). Algumas são de autoria do falecido Raimundo Castro; outras, não se sabe ao certo qual familiar as concebeu; e ainda há aquelas, de cujas composições nada se sabe.

Já as danças que integram o gambá em Almeirim são, atualmente, quatro: a marandanguera, o xote, a valsa e a desfeiteira. A primeira e a última são as que mais se destacam e animam os espectadores-participantes:



a marandanguieira porque consiste em uma encenação coreografada; e a desfeiteira, que é muito apreciada em diversos festejos populares na região do Baixo Amazonas (CARVALHO, 2016).



A marandanguieira, geralmente designada A pomba e o gavião, retrata em versos o embate entre esses dois animais, representados por um casal que dança no centro de uma roda formada pelos demais dançarinos, que se acocoram e batem palmas, acompanhando o ritmo dos tambores. O par de destaque imita a perseguição de um gavião (a mulher) a uma pomba (um homem). Quando ela apanha a presa, pelo toque das mãos, a dança é interrompida.

Foto 3  
Foliões e convidados dançando após a refeição ofertada pelo mestre-sala Alvim Amaral. Foto: Vanessa Figueiredo. Acervo Sacaca/Ufopa

*Olha a pomba com o gavião, tá em demanda (bis)*  
*Ei, olha a pomba, é a pomba e o gavião (bis)*  
*A pomba com o gavião, tá em demanda (bis)*

*Refrão: Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguieira (do mar)*  
*Ê, ê, ê, ê, á, á, á, marandanguieira do mar (bis)*

A desfeiteira também é dançada em pares, formando uma roda que vai girando até que a música seja interrompida. Nesse momento, o casal que estiver diante dos músicos deve recitar versos, um para o outro ou para o público. A roda gira novamente, até que outro casal pare na mesma posição e faça o mesmo. A dança encerra após todos terem tido sua vez de recitar versos. A dança tem esse nome porque, se algum dançante errar o verso, estará fazendo uma desfeita.

*Adeus, querido papai (bis)*  
*E mamãe do coração*  
*Do papai quero conselho*  
*Da mamãe quero a benção (bis)*

*Refrão: Eu sou filho de papai (bis)*  
*E neto de meu avô*  
*/Por apelido me chamo*  
*Canarinho cantador/ (2x)*

*A valsa é um ritmo mais lento, embora dado pelas batidas dos tambores, e também é dançada em pares, ao som de versos como:*

*Quero me casar com uma moça bonita*  
*Que seja bonita, me saiba tratar (bis)*

*Refrão: Se não for assim, me mande avisar  
Pelo contrário eu não quero casar*

*Dentes bem alvos, da cor de marfim  
Lábios corados da cor do carmim (bis)*

*Refrão*

*Que seja bem gorda, mas não barriguda  
Que pise macio e não se sacuda (bis)*

*O xote, por fim, pode ser dançado em pares soltos ou agarrados, com passadas ritmadas para os lados: dois passos para um lado e dois passos para o outro.*

*Passa pra cá  
Passa pra lá  
Passa pro coró  
Não faça cara de choro  
Que é pro povo não mangar*

*Refrão: Balança os cachos, Iaiá, dos teus cabelos, Iaiá  
Não tenhas medo, Iaiá, de balançar (bis)*

Não há limite de tempo predeterminado para a execução do gambá após as refeições, mas se assume tacitamente que os foliões não podem se exaurir porque cada dia de festa é pleno de atividades que requerem sua presença. Muitos deles, idosos, esforçam-se bastante para honrar todos os compromissos em procissões, caminhadas, visitas e missas, além dos almoços e jantares em que devem tocar. Contudo, a dança lhes serve como uma espécie de estímulo: quanto mais os anfitriões e comensais dançam, mais os foliões tocam, e melhor a refeição (almoço ou jantar) terá sido<sup>2</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu oferecer um registro etnográfico da festividade de São Benedito em Almeirim, com foco na execução do gambá como sua expressão mais característica. O relato ora apresentado se baseou na participação, observação e documentação audiovisual dos diversos momentos do ciclo festivo de 2017, bem como em entrevistas gravadas com os principais realizadores da festa, em especial membros da família Castro e da Irmandade de São Benedito, mas também devotos e outros participantes.

Constatou-se que a festividade faz interagir uma ampla cadeia de pessoas em um circuito de dons e contradons variados, dos quais foram destacados: a comida, o canto e a dança. Enfocadas a partir dos almoços e jantares oferecidos como sinal de agradecimento ou pagamento de promessas feitas ao santo — ocasiões privilegiadas para observar a sociabilidade em ato —, as trocas rituais de comida, canto e dança (re)afirmam os laços entre os humanos, e entre eles e São Benedito. Ao mesmo tempo, potencializam relações de parentesco, afinidade e amizade que marcam a trajetória histórica do gambá em Almeirim, reafirmando a reciprocidade como princípio baseado na obrigação de dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974).

Evocando Robert Hertz (apud MENEZES, 2009) em sua pesquisa sobre a festa de São Besso — ao concluir que ela traduz a adoração a um rochedo antigo, sagrado antes mesmo do contato com o cristianismo, revelando-se como culto ao próprio grupo social dos devotos —, argumenta-se que ao almoçar e jantar com São Benedito, como se fosse um igual, e então celebrar esse encontro com fartura, canto e dança, os devotos estejam efetivamente celebrando a si mesmos, seu passado comum e um presente compartilhado.

Os foliões de São Benedito, a família Castro e seus amigos, que lhes ofertam as refeições, celebram seus vínculos de amizade e parentesco por

<sup>2</sup> Em Maués, Ávila (2016, p. 280) percebeu que se “não há gente no salão o gambá para de tocar. Se houver dançarinos animados os mestres vão até de manhã tocando. Sem a dança, em pouco tempo se aborrecem”.

meio da imagem de São Benedito, um santo milagroso que compreende suas angústias e intercede por eles, aproximando-os por meio do milagre. Nos almoços e jantares, as pessoas que trocam comida, canto e dança fortalecem seus vínculos e suspendem eventuais desafetos em respeito ao santo, ou a si mesmos.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Cristian P. *Os Argonautas do Baixo Amazonas*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Antropologia Social, Manaus, 2016.

BATUQUE de Pinhel. *Produção de Carlos Bandeira Junior*. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <[https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=7gAb\\_XwLszA](https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=7gAb_XwLszA)>. Acesso em: 18 set. 2018.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular*. In: BRAGA, Sergio I. G. (Org.). *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BUENO, Marielys S.; SANTANA, Ursulina M. S. A festa e a comensalidade no Candomblé. In: *Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, 5., 2008, Belo Horizonte. Anais... Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/190.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Tradições devotas, lúdicas inovações: o sairé em múltiplas versões. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 237-259, abr. 2016.

COSTA, MARIA N. C. *Festividade de São Benedito em Almeirim – PA, 1955-1975*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, História, Belém, 2006.

FESTIVIDADE do Glorioso São Benedito de Almeirim: *fé, tradição e cultura de um povo*. Caminho da Fé, Almeirim, v. 1, n. 1, p. 18-20, jun. 2018.

FILHO, Florêncio A. V. *A emergência étnica de povos indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Ciências Sociais, Salvador, 2010.

\_\_\_\_\_. Gambá de Pinhel: resistência, reinvenção e identidade cultural no rio Tapajós. *E Estado Net*, Santarém (PA), p. 1-29, 02 jul. 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1YMODxnEcAIQ0IDW-ipzUAG-oiEodm6tw/view>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

GAMBÁ de Pinhel. *Produção de Clodoaldo Correa*. [S.l.]: Olhar Nativo, 2013. Disponível em: <[https://m.youtube.com/watch?v=bhfiBRe7\\_LQ&feature=youtu.be](https://m.youtube.com/watch?v=bhfiBRe7_LQ&feature=youtu.be)>. Acesso em: 18 set. 2018.

GAMBÁ, música e territorialidade. *Produção de Pedrinho Callado*. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?v=CIMMU02Hyqw>>. Acesso em: 18 set. 2018.

GAMBÁ: os tambores da floresta. Cristian Pio Ávila. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2012. 1 dvd video (55 min.): formato: 4:3, son; color; NTSC.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENEZES, Renata de C. *Celebrando São Besso ou O que Robert Hertz e a Escola*

*Francesa de sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 179-199, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872009000100008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872009000100008&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 14 jun. 2018.

NOGUEIRA, Wilson. *Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus: Editora Valer, 2008.

SANTOS, Raimundo N. dos. *A festa de São Benedito*. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-festa-de-sao-benedito/33107/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SILVA, Dedival B. *Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança*. Belém: Falangola, 1997.

Recebido em 27 Abr 2019 | Aprovado em 26 Jun 2019

Vanessa FIGUEIREDO

Graduanda em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Sob a orientação da professora doutora Luciana Carvalho, integra o grupo de pesquisa Diversidade cultural, territórios e novos direitos na Amazônia, na linha de pesquisa Memória, identidade e territorialidade na Amazônia. Atualmente, realiza pesquisa de iniciação científica no projeto Performances do dom em festas de santo na Amazônia contemporânea com bolsa concedida pela Fapespa (Pibic-Fapespa). E-mail: vanessalbf@outlook.com

Luciana Gonçalves CARVALHO

Doutora em Ciências Humanas e mestra em Sociologia (PPGSA/UFRJ), graduada em Ciências Sociais (UFRJ). Professora associada da Ufopa, atua nos cursos de bacharelado em Antropologia, mestrado em Ciências da Sociedade (PPGCS) e doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND), e no PPGSA/Ufopa. No Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente, desenvolve o programa de extensão Patrimônio Cultural na Amazônia e investigações ligadas ao grupo de pesquisa Diversidade cultural, territórios e novos direitos na Amazônia. E-mail: luciana.gdcarvalho@gmail.com